

16-09-2021

LUGAR ONDE OS ESCRITORES FICAM SEM PALAVRAS

Lucianno Di Mendonça

[Mestrando em Língua, Literatura e Interculturalidade – Univ. Est. Goiás]

Vamos viajar? eu disse à Luciana ao atravessarmos a fronteira entre Minas e Goiás. Claro, desde que nos casamos adoro viajar contigo! Iremos pra outro planeta ou ficaremos por aqui mesmo? ela disse. Esse é o X da questão, no mestrado em Literatura faço uma disciplina com o título: “Estudos Interculturais entre Literatura, Ciência e Arte”, cujo professor é da Geografia; em outra disciplina, temos o professor Ricardo, também da Geografia, tenho ainda o Elisnarde, professor de Geografia em Uberlândia, que me ensina e ainda incentiva nos meus devaneios paisagísticos.

Ok, mas o que isso tem a ver? disse a Luciana. Descobri que para fazer literatura e viajar para outros pontos do universo, devemos partir da terra, especificamente da geografia, dei uma pausa para alinhar o raciocínio e para a Luciana interpelar como quisesse: claro, afinal, nascemos, moramos e morreremos aqui, certo? Certíssimo! Como não vi isso antes? Qualquer “viagem” parte daqui e volta pra cá, nossos companheiros de jornada (leitores) são terráqueos, desconsiderar a geografia é negar a transposição de qualquer limite criativo. Quer ver?

Em nossa vinda de São Paulo à Goiatuba (Goiás) hoje, passamos por duas divisas: o Rio Grande, fronteira entre São Paulo e Minas; e o Rio Paranaíba, fronteira entre Minas e Goiás.

Curioso que, numa fronteira, podemos ver vários conceitos da geografia num só espaço. O *lugar* diz respeito à afetividade das pessoas que moram ali ou mantêm alguma memória daquele local. No Rio Grande há os ribeirinhos que moram no entorno, talvez famílias instaladas naquelas margens há séculos.

Daí entendemos o porquê do *lugar* onde nascemos, jogamos bola na rua, demos o primeiro beijo em alguém, conhecemos a melhor amiga da infância, frequentamos a escola, enterramos pessoas que amamos, etc, fazem tão parte de nós e o levamos para onde formos no mundo. Depois, temos a *região*, pode ocorrer ao atravessarmos um vale, uma montanha, uma cordilheira, um rio e, por diferença de algumas dezenas de metros, têm-se regiões diferentes que se distinguem pela topografia, pelo clima, pela cultura, pelas línguas, e pela exploração da terra.

E o *território*? ela disse. Os *territórios* são as porções de terra de soberania geopolítica que competem aos respectivos estados da federação, entendeu? Você já parou pra pensar: por que *Geografia*, se os significados das palavras *geo* = terra, e *grafia* = escrita/descrição? O que tem a ver a *escrita* com o *geo*? Geógrafos não me ouçam se eu estiver ‘viajando’: Geografia não é somente decorar nomes de rios, capitais, ter noção de cartografia e relevo como estudamos no Ensino Médio na nossa época. A princípio, Geografia era a descrição dos fenômenos que a própria natureza empreendia em si mesma.

Posteriormente, tornou-se o estudo da ação do homem em nosso planeta, logo, a escrita do homem na terra, falei isso ao virar o trevo de Goiatuba. Que legal, eu não sabia que é tão fascinante, disse a Luciana, e apontou para o horizonte: “olha o pôr do sol!” Bela observação! Tudo isso compõe o espaço geográfico, que é objetivo em sua composição e subjetivo em sua interpretação, pois este depende da forma que percebo a interação homem-espaço, e essa percepção (leitura) depende de nossas memórias, nossas experiências, relacionando-as com o espaço atual. Complicou um pouco, explique melhor, ela disse. Saímos de São Paulo juntos com o sol, passamos por milhares de lugares, dezenas de regiões, três territórios e milhares de paisagens; nossos pensamentos foram e voltaram nas cinco cirurgias por decorrências dos cânceres que você teve, inclusive, na hora seguinte do nascimento de nosso filho Pedro, ainda na maternidade, na qual você passou a mão debaixo do braço e descobriu mais um tumor.

Quanto viajamos para chegar aqui: retornando de mais uma visita periódica ao Dr. Buzaid em São Paulo, para você seguir o tratamento oncológico, que deve perdurar por alguns anos, quando finalmente terminaremos de escrever esse capítulo, mas o fim não sabemos. Chegamos nesse lugar exato: cada um com um olhar, uma história, uma escrita, uma leitura; e apesar de olharmos, ao mesmo tempo, para o sol se ruborizando do que leu na terra hoje, se escondendo para voltar amanhã, temos para cada um de nós, um pôr do sol diferente, se enganchando à linha do horizonte manuscrita pelo homem.

.....

Escritores e professores reunidos na última aula do semestre, foi assim que se deu minha paixão pela Geografia e como contei para a Luciana um pouco do que aprendi com vocês.

Quando o professor Ricardo me pediu para falar, confesso que não queria, não estou muito bem hoje, espero que entendam. Porém, ouvir professores pelos quais tenho o maior carinho e admiração, ouvir escritores de vários lugares do Brasil, deliciar-me com a aula do professor Eguimar sobre “Crônicas que arrastam”, me trouxeram uma alegria que não sei explicar, aliás, me desculpem o rego d’água transbordando do barranco de meus olhos, não pude barrar que ele seguisse o curso das memórias que arrastam.

.....

“Lucianno, você quer escrever na Coluna Opinião?”, disse o Fadel. Quando ele começou: “Lucianno, você quer...”, pensei: “ele vai me convidar para entrar no processo seletivo da Geografia para estudar mais e parar de falar bobagem, mas quando o Fadel concluiu a pergunta, eu disse: ‘claro que aceito, seria um sonho’.

Depois eu quis, na aula, voltar e agradecer melhor, mas já havia tropeçado no tronco da gratidão e caído no buraco do espanto: lugar onde os escritores ficam sem palavras.

Espero que essa primeira crônica sirva como agradecimento, mesmo diante dos engasgos conceituais, dos joelhos trôpegos e braços exaustos na travessia do grande rio. ■■■